

MEMÓRIAS DE RUAS DO BIXIGA AO LONGO DO TEMPO

Heitor Frúgoli Jr.¹

RESUMO

O artigo se baseia em fala proferida no ciclo de debates sobre o território do Bixiga, realizado no Centro de Pesquisa e Formação do Sesc–SP, em março de 2023. Começo com memórias de vivências pessoais no Bixiga e seu entorno, entre final da década de 1970 e início dos 1980. A seguir, relato outra experiência, realizada pelo Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo (NAU–USP) no final dos anos 1980, cuja equipe integrei parcialmente, e que veio a ter, como um dos espaços enfocados, a “mancha do Bexiga”. Encerro com olhares sobre tal bairro, ocorridos no ano passado (2022), durante uma caminhada ligada à “Jornada do Patrimônio” (Departamento do Patrimônio Histórico de São Paulo) e de outra promovida por integrantes do Grupo de Estudos de Antropologia da Cidade (GEAC–USP).

Palavras-chave: Memória. Bairro. Bixiga.

ABSTRACT

The article is based on a speech given in the cycle of debates on the territory of Bixiga, which took place at the Centro de Pesquisa e Formação do SESC–São Paulo, in March 2023. I begin with memories of personal experiences in Bixiga and its surroundings, between the end of 1970s and early 1980s. Next, I describe another experience, carried out by the Núcleo de Antropologia Urbana of Universidade de São Paulo (NAU–USP), at the end of the 1980s, whose team I was part of, which came to have as one of the spaces focused on, the “Bexiga area”. I close with views of this neighborhood, which took place last year (2022), during a walk linked to the “Jornada do Patrimônio” (Departamento do Patrimônio Histórico de São Paulo) and another promoted by members of the Grupo de Estudos de Antropologia da Cidade (GEAC–USP).

Keywords: Memory. Neighborhood. Bixiga.

1 Professor titular do Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas de Universidade de São Paulo (FFLCH–USP) e coordenador do Grupo de Estudos de Antropologia da Cidade (GEAC–USP). Foi integrante do Condephaat (Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo). É autor de *Centralidade em São Paulo* (Cortez/Edusp, 2000) e *Sociabilidade urbana* (Zahar, 2007). E-mail: hfrugoli@usp.br.

BREVE INTRODUÇÃO²

O presente texto se baseia em distintas incursões no passado de um espaço urbano específico, marcadas por diversas modalidades de memória. A primeira delas guarda relação com caminhadas noturnas aos fins de semana em meu tempo de estudante, um pouco antes de ingressar nas Ciências Sociais (FFLCH–USP), que confluíam a uma quadra específica da rua Treze de Maio, com um conjunto de bares e restaurantes que propiciavam uma vida noturna intensificada em suas ruas e calçadas. Trata-se de memórias de quando eu ainda não tinha me aprofundado em temas urbanos, mas que são aqui trazidas à luz de conhecimentos posteriores, embora busque preservar, dentro do possível, a lembrança da própria experiência vivida³.

O segundo período focado diz respeito à minha participação parcial, alguns anos depois, num trabalho acadêmico coletivo de observação de dinâmicas de lazer em São Paulo, em que um dos espaços observados veio a ser a já referida área de lazer do Bexiga, que eu já havia frequentado como cidadão. Nesse caso, busco explorar os escritos etnográficos sobre tal espaço à luz de minhas experiências anteriores, já que não participei diretamente das pesquisas do local em questão.

Finalmente, fecho com observações pontuais, também baseadas em caminhadas recentes por certos espaços do Bixiga, mais de trinta anos depois. Algumas marcas do bairro se mantiveram ou se renovaram, e tal espaço efetivamente suscita práticas de preservação. Todavia, a referida área, na Treze de Maio — alvo das observações do passado e objeto central deste artigo — praticamente deixou de ter os estabelecimentos ali tradicionais e seus usos, tendo se tornado, de fato, do ponto de vista pessoal e geracional, um lugar de memória, sem desdobramentos de preservação significativa no presente.

As relações entre caminhar e observar, a fim de se extrair algum conhecimento sobre a cidade e a vida urbana, envolvem um conjunto amplo de abordagens teóricas, que aparecerão ao longo da exposição, quase cronologicamente, à medida que os relatos forem apresentados — até porque tais referências não estiveram necessariamente presentes em todas as reconstituições.

2 Agradeço a Luís Michel Françaço pelo convite para participar da já referida mesa do Centro de Pesquisa e Formação do Sesc–SP e a Edson Martins Moraes pela oportunidade de escrever no presente dossiê. A variação na grafia entre Bexiga e Bixiga leva em conta o modo como tal bairro é citado pelas publicações e agentes e respectivos períodos históricos.

3 Bem sabemos, como frisa Halbwachs (2013 [1950], p. 91), que a lembrança pode ser entendida como “uma reconstrução do passado com a ajuda de dados tomados de empréstimo ao presente e preparados por outras reconstruções feitas em épocas anteriores”.

Com base nessas notas iniciais, gostaria, portanto, de apresentar, de forma sintética, vivências e aproximações que tive com determinados espaços do Bixiga ao longo do tempo.

CAMINHADAS BOÊMIAS AO FINAL DOS ANOS 1970

Passo, portanto, a reconstituir o que eu fazia aos fins de semana (sextas ou sábados), na juventude, ao final dos anos 1970, que consistia em andar pelas ruas, com eventuais entradas em bares. Isso em geral tinha como ponto de partida a ida ao Bar Redondo, entre as avenidas Ipiranga e Consolação e a rua Teodoro Baima, local que, de algum modo, se ligava às atividades teatrais das cercanias — sobretudo o Teatro de Arena, quase à frente — e ao cinema de arte dos arredores, além da frequência de um público ligado a universidades⁴. Enfim, um bar em geral frequentado por intelectuais, estudantes, artistas, músicos. Recordo-me da presença ocasional, ali, do escritor e dramaturgo Plínio Marcos⁵; certa vez, estive numa pequena roda em que ele falava, com desenvoltura, de futebol, um dos temas que inclusive explorava sobre o universo popular e marginal de suas peças. Não sabia na época, mas tal bar também fora frequentado, quase uma década antes, por participantes da Tropicália⁶.

Como dito, esse bar constituía apenas o início do itinerário, cujo destino eram os bares do Bexiga. Dali do Redondo, seguia, como muitas/os — por se tratar de caminhos partilhados coletivamente — pela praça Roosevelt, que na época ainda contava com o Cine Bijou (1962–1996), que atraía inúmeros cinéfilos — me lembro de assistir, ali, diversos dos assim chamados

4 Segundo Julia Gumieri (s. d., n. p.), o Redondo, cujo nome adveio “por ficar localizado no térreo de um edifício arredondado (...) foi muito frequentado por estudantes e intelectuais — dada a proximidade do circuito universitário composto pela Pontifícia Universidade Católica, a Universidade Mackenzie e a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (FFCL)”. A sigla FFCL remete ao período em que parte da USP ainda estava situada na rua Maria Antônia, na região do Redondo, antes da transferência para o campus do Butantã (quando se tornou a FFLCH), após os conflitos com o Mackenzie em 1968, durante a “batalha da Maria Antônia” (ver, a respeito, Tavares e Cardoso, 2018 [1988]).

5 Segundo Gumieri (s. d., n. p.), ele foi um dos fundadores, em 1972, da Banda Redonda, carnavalesca, existente até hoje, décadas antes de tudo o que veio ocorrer no assim chamado Baixo Augusta. Plínio Marcos também era conhecido “... por perambular no centro da cidade vendendo seus livros” (PILAGALLO, 2023, p. 202).

6 Ver trechos de entrevista com Gilberto Gil (ALMEIDA, 1972) e falas de Tom Zé (MARTINS, 3 dez. 1995). Próximo ao Redondo e à rua Maria Antônia, no Teatro Anchieta (rua Dr. Vila Nova), que fica no subsolo do Sesc Consolação, lembro-me de ter assistido a shows de Gilberto Gil, Caetano Veloso e Tom Zé. No verão de 1980, que passei em Salvador, era possível ver Caetano Veloso e Gilberto Gil, além de integrantes dos Novos Baianos, como Baby Consuelo e Pepeu, na praia do Rio Vermelho.

“filmes de arte”, não necessariamente atrelados ao circuito comercial⁷; tal cinema era, de certa forma, um ponto de encontro ocasional de colegas ou amigos. A praça Roosevelt possuía então poucos bares — isso bem antes de ela ganhar uma nova dinâmica a partir da abertura da sede do grupo Satyros, companhia teatral paulistana fundada em 1989, que em 2000 passou a ter ali seu espaço. Na mesma quadra, ficava o Teatro Cultura Artística⁸. Era na época um trecho quase deserto e pouco iluminado⁹.

Na esquina com a rua Augusta, havia (e ainda existe) o restaurante Planeta's, aberto no início da década de 1970, que em parte também atendia — como o Família Mancini, nos arredores — à clientela que atuava nos teatros da região ou assistia a seus espetáculos. Duas quadras acima, na Augusta em direção à avenida Paulista, vim a frequentar, um pouco depois, o Spazio Pirandello (1980–1985), que funcionava num casarão de 1905¹⁰, dirigido por Antonio Maschio e Wladimir Soares, ponto de encontro e um dos polos do movimento pelas Diretas Já¹¹. Recordo-me que, no dia em que a Emenda Dante de Oliveira pelas eleições diretas foi derrotada no Congresso Nacional, em abril de 1984, estive no Pirandello, ocasião em que Antonio Maschio fez um breve discurso para o público presente. Do Planeta's, caminhava pela rua Martinho Prado, que passava sobre a avenida Nove de Julho, o que de certa forma demarcava adentrar simbolicamente numa outra área, que eu identificava, então, como o bairro do Bexiga, talvez por conta do Café do Bexiga, bastante conhecido na época, e situado mais à frente desse itinerário, embora também pudesse ser identificada como Bela Vista (voltarei ao tema adiante).

7 Recordo-me dos filmes de arte também exibidos no Belas Artes, cinema mais estruturado (e menos underground) que o Bijou, em diálogo com os lançamentos da época. Nas memórias de Marcelo Coelho (2012) sobre o Bijou, que o frequentou a partir de meados dos anos 1970, constam — além da menção a diversos filmes de arte (por vezes de difícil compreensão para um adolescente) — a ida, nos arredores, a uma “churrascaria meio ruim” (COELHO, 2012, p. 34) a um “dancing” onde havia “garota de programa” (ibidem, p. 37) e à Baiúca, que “tinha sido, antigamente, uma boate também”, mas onde ainda ocorriam apresentações de um “trio de jazz” (ibidem, p. 43).

8 Frequentado por Marcelo Coelho, cf. o já citado texto sobre suas idas ao Cine Bijou (ibidem, pp. 47-50).

9 Tal praça foi criada ao final dos anos 1960, sob forte autoritarismo, ao fim do Minhocão, com uma arquitetura fragmentada e polêmica, baseada em vários planos ligados por rampas (FRÚGOLI JR., 1995, pp. 32-3). A região era então uma referência cultural na cidade: “Em uma afamada boate que funcionava na época, chamada Djalma's, houve (...) a primeira apresentação de Elis Regina em São Paulo. Somam-se (...) as apresentações do Zimbo Trio, Cauby Peixoto, Hermeto Paschoal e Jair Rodrigues; a existência do Brasão, casa de shows cujo proprietário era Erasmo Carlos; o funcionamento do célebre Cine Bijou, de casas de prostituição de luxo e de outros estabelecimentos (MACHADO, 2022, p. 54).

10 Ver detalhes em Moraes (8 dez. 2007).

11 Para um apanhado histórico a respeito, ver Pilagallo (2023, pp. 200-3).

Logo antes do viaduto, avistava à direita o Ferro's Bar, criado em 1961, identificado então como ponto de encontro de lésbicas¹². Atendo-me às minhas memórias, não se via movimento significativo na calçada à sua frente, em parte porque talvez tais espaços fossem bastante segregados, embora se pudesse perceber, através de sua porta envidraçada, se tratar de um lugar muito frequentado¹³. Do lado oposto, uma sinagoga ficava, naquele horário, sempre fechada.

Importante constar que, embora tais espaços já abordados guardassem relações com pautas de esquerda da época, havia também algo transversal, ligado a contestações com perspectivas mais existenciais, ao uso de drogas ou a estilos de vida identificados com a contracultura hippie¹⁴.

Em geral eu passava pela frente desses bares, sem necessariamente entrar neles. Ao fim da rua Martinho Prado, dobrava à direita na rua Santo Antonio, passava sob o viaduto Júlio de Mesquita Filho — outro trecho um tanto quanto inóspito desse caminhar — e, um pouco mais à frente, via-se à direita a Cantina Montechiaro, de comida italiana, uma das poucas da região que frequentava ocasionalmente, quando sobrava dinheiro para um jantar. Ainda na rua Santo Antonio, à direita, via-se uma livraria, criada pelo psicoterapeuta Flávio Gikovate, que ficava aberta durante boa parte da noite.

Um pouco mais adiante, surgiam vários bares principalmente a partir da rua Treze de Maio, que saía à esquerda da rua Santo Antonio. Mas antes disso eu parava num boteco sem nome, conhecido entre habituês como um “sujinho”, ou “pé sujo” local, situado na esquina da Santo Antonio com a Luiz Porrio¹⁵. Dali, a depender do que acontecesse — o que pode ser chamado, academicamente, de organização do acaso — eu podia seguir para o Café do Bexiga, que, por assim dizer, se tratava do principal bar local, em torno do qual outros gravitavam. Isso abarcava o Café Soçaite, na esquina das ruas Treze de Maio e Santo Antonio, com apresentações de chorinho

12 Ver detalhes em Gumieri (s. d.).

13 Segundo Gumieri (s. d., n. p.), “o bar viu nascer também o processo de organização política de suas frequentadoras, muitas delas atuantes no grupo Lésbica-Feminista (LF) integrado ao SOMOS” (Grupo de Afirmação Homossexual, fundado em 1978).

14 “A busca da verdade pessoal, por meio da psicanálise, das drogas ou, no extremo, da vida em comunidades alternativas, podia ter uma conotação antiautoritária. No auge da ditadura, início dos anos 1970, ‘puxar fumo’, ‘viajar’ ou ‘cheirar’ não eram apenas formas de gratificação dos sentidos, mas, à semelhança da revolução sexual, um modo de contestar — outro verbo característico da época — o conservadorismo da sufocante ordem política” (ALMEIDA; WEIS, 1998, p. 405).

15 Espaços badalados abrigam bares assim, por vezes com nomes explícitos: refiro-me ao Sujinho da Vila Madalena (na esquina das ruas Mourato Coelho e Wisard) e o do mesmo nome na avenida Consolação com a rua Maceió (também conhecido como Bar das Putas).

e jazz; o Persona, com jogos de espelhos e velas, em que podiam se fundir visualmente os rostos¹⁶; o Café Piu Piu, que abriu no início dos anos 1980, com programação musical regular e entrada um pouco mais cara, talvez o único dentre os citados que persiste até hoje.

Todos ficavam no mesmo quarteirão, antes de se chegar ao cruzamento com a rua Manoel Dutra (na direção da praça Dom Orione). Era também um costume transitar nas calçadas ou ficar em frente a alguns desses bares — dado o grande o movimento de pessoas por ali — sem necessariamente entrar, lembrando que o dinheiro para consumo de um estudante era curto e contado e nas calçadas se davam muitas formas de sociabilidade. Tais bares funcionavam, em geral, em casas antigas, com certas adaptações, e tal área urbana constituía uma forte referência de vida noturna na São Paulo da época.

Tal percurso noturno pelas ruas, que se iniciava no Bar Redondo e que culminava naquele quarteirão da Treze de Maio, em alguns dos bares citados ou na própria calçada, tornou-se muito marcante em minha memória, por tudo o que foi vivido, algo que costuma ficar gravado em profundidade por se relacionar com a potência da juventude.

PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA DO NAU-USP: A “MANCHA DO BEXIGA”

Passemos agora a uma segunda aproximação ao espaço que era o ponto de chegada de minhas andanças, quase uma década depois, ao final dos anos 1980, de caráter coletivo, ligada a uma série de etnografias realizadas pelo Núcleo de Antropologia Urbana, coordenada por José Guilherme Magnani (FFLCH–USP), em cuja equipe participei nos primeiros levantamentos (MAGNANI, 1991)¹⁷. Nessa pesquisa, realizada entre 1989 e 1990 (ibidem), um ano depois da criação do Núcleo de Antropologia Urbana (NAU) (CASTRO, 2018 [2017], pp. 33-4), fazíamos (e captávamos) determinados trajetos¹⁸ pela cidade. Isso levava à busca de caracterizações

16 Existente entre 1979 e 1995 (ver detalhes em ISTOÉ, 14 jun. 2021).

17 Ver “Créditos”.

18 Do ponto de vista das/os pesquisadas/os, o trajeto “aplica-se a fluxos recorrentes no espaço mais abrangente da cidade e no interior das *manchas* urbanas” (MAGNANI, 2002, p. 23, grifo do autor). Por um lado, “na paisagem mais ampla e diversificada da cidade, trajetos ligam equipamentos, pontos, manchas, complementares ou alternativos”; sob outro ângulo, “tendo em vista que elas [manchas] supõem uma presença mais concentrada de equipamentos, cada qual concorrendo, à sua maneira, para a atividade que lhe dá a marca característica, os *trajetos*, nelas percorridos, são de curta extensão, na escala do andar: representam escolhas ou recortes no interior daquela *mancha*” (ibidem, grifos do autor).

mais precisas de determinadas manchas de lazer — assinaladas, de modo geral, pela concentração de equipamentos urbanos e de pessoas¹⁹ — com observações partilhadas entre nós²⁰.

Uma delas foi justamente a “mancha do Bexiga” (MAGNANI, 1991, pp. 73-100)²¹, que passo a descrever de forma concisa. Tal mancha de lazer ficou circunscrita entre as ruas Santo Antonio, Rui Barbosa e Treze de Maio, até a esquina com a avenida Brigadeiro Luiz Antonio. Segundo tal estudo (ibidem, p. 54), um dos “pórticos”²² para o Bexiga consiste no que já havia mencionado em minhas andanças: a rua Martinho Prado, que passa por cima da avenida Nove de Julho: de um lado uma sinagoga (onde atualmente funciona o Museu Judaico de São Paulo) e do outro, o já citado Ferro’s Bar (hoje fechado).

Analisemos trechos do referido relatório (ibidem, pp. 55-6): uma vez na rua Treze de Maio, na esquina com a Manoel Dutra, uma caminhada para cima (na direção da praça Dom Orione)²³ revelava equipamentos como uma padaria, uma quitanda, um botequim, uma churrascaria, um centro de umbanda (Caboclo Arutaê) e, na quadra seguinte da Treze de Maio, passando a rua São Vicente, residências, um comitê eleitoral, um estacionamento, um escritório, a Igreja de Nossa Senhora de Achiropita, a escadaria para a rua dos Ingleses, uma pizzaria, uma casa de carnes e uma padaria (chegando-se então à esquina com a rua Conselheiro Carrão). Num fim de tarde de sábado, o movimento pelas ruas é intenso, crianças circulam pelas calçadas, há gente nos bares; lojas e estabelecimentos vão aos poucos fechando as portas; à medida que anoitece, pessoas recolhem-se às casas, mas muitos permanecem diante de portas, janelas e escadas que dão para a rua; caminhões de entregas passam a estacionar em estabelecimentos até então fechados, caixas de bebidas são descarregadas, mesas e cadeiras são postas nas calçadas, e o Bexiga prepara-se para a vida noturna.

19 Manchas são “áreas contíguas do espaço urbano dotadas de equipamentos que marcam seus limites e viabilizam (...) uma atividade ou prática predominante (...) Numa *mancha* de lazer, os equipamentos podem ser bares, restaurantes, cinemas, teatros, o café da esquina etc., os quais, seja por competição seja por complementação, concorrem para o mesmo efeito: constituir pontos de referência para a prática de determinadas atividades” (MAGNANI, 2002, p. 22, grifo do autor).

20 Em tal pesquisa, colaborei mais ativamente no estudo da mancha da Paulista com a Consolação (idem, 1991, pp. 101-25). Para mais detalhes, ver Magnani, Frúgoli Jr. e Torres (1989).

21 “No Bexiga, o que predominava era a dimensão da rua, a escala do andar. Em termos de equipamentos de lazer, houve ali uma ocupação densa e diversificada, porém, complementar, configurando uma mancha” (MAGNANI, 1991, p. 86).

22 “Trata-se de espaços, marcos e vazios na paisagem urbana que configuram passagens” (idem, 2002, p. 23).

23 Ou seja, na direção oposta à quadra que eu frequentava anos antes.

Avançemos agora na mancha de lazer que interessa à pesquisa (MAGNANI, 1991), sobretudo ao longo do quarteirão da Treze de Maio com a Manoel Dutra, descendo em direção à rua Santo Antonio, com destaque para os seguintes estabelecimentos: Churrascaria Cantina Via Treze, Boteco do PT, Sanduicheria Baguette, Bella Pizza, Café Soçaite, Persona Rock Bar, Boteco Nova Treze, Café do Bexiga²⁴. A partir do já referido Café Soçaite, percebia-se “uma multiplicidade de cheiros, cores, luzes, sons de ambos os lados da rua (...) com [na terminologia da época] ‘entendidas/os’, antigos ‘hippies’, casais, turistas, famílias inteiras, garotos, ‘intelectuais’” (ibidem, pp. 56-7).

Uma marca dessa área de lazer era sua diversidade, assinalada por eixos de classificação tais como: “bares/cantinas/teatros/cafés/botecos/casas de shows”; “MPB/jazz/rock”; “famílias/bandos/pares/solitários”; “pizza/sanduíche/fogazza”; “moradores/frequentadores”, “italianos/negros/nordestinos”. Teríamos, assim, “vários Bexigas” (ibidem, p. 57). Buscava-se então as possíveis ligações entre o Bexiga do lazer e o Bexiga bairro: o segundo ofereceria ao primeiro o espaço físico, como o desenho das ruas, a contiguidade dos estabelecimentos, a escala das edificações (em geral, casarões transformados em casas noturnas), em certo contraste com a verticalização do entorno (ibidem, p. 58). Nesse sentido, havia entre os estabelecimentos relações de diálogo, conversa, oposição, complementação, com o estímulo para se circular antes de se decidir em qual bar entrar (ibidem, pp. 57-8). Num trecho adiante, menciona-se inclusive que “os botecos dão apoio (o sanduíche, a bebida mais em conta) antes ou depois do programa principal” (ibidem, p. 58). Como já relatei anteriormente, de fato, criavam-se ali diversas possibilidades de escolha, com opções complementares nas ruas, embora uma delas, a meu ver, implicasse em permanecer nas próprias ruas ou em botecos mais baratos²⁵. Quanto aos bares destacáveis daquele período, entrevistas com os dois sócios do Café do Bexiga apontam que o estabelecimento foi o primeiro a surgir na Treze de Maio, em novembro de 1977, inspirado no Café Paris (que ficava no Butantã), num momento em que o Bexiga já era visto como um bairro boêmio; na época, a rua Santo Antonio possuía uma vida noturna mais intensa, mas isso se deslocou, aos poucos, para a Treze de Maio (ibidem, 1991, pp. 76-8).

24 Trata-se, como visto, do trecho onde eu permanecia na Treze de Maio, com alguns dos estabelecimentos marcados na minha memória, conforme já relatado.

25 Em pesquisa posterior, realizada no Bairro Alto, em Lisboa, assinalado por uma boemia significativa e numerosa, uma prática corrente consistia em comprar cervejas (“litrosas”) em lugares mais baratos e circular pelas ruas, sem adentrar nos bares (chamada de “botilhão”, termo inspirado no *botellón* espanhol) (FRÚGOLI JR., 2013, p. 18). Em 2009, durante observações preliminares e sem continuidade, constatei algo parecido na Lapa carioca, com forte papel, então, da venda de bebidas alcoólicas pelo mercado informal.

Já o gerente do Café Soçaite, nascido e crescido no bairro, relata que a Treze de Maio antes disso contava apenas com um açougue, casas antigas e cortiços, que aos poucos cederam lugar para as boates, cafés e bares com música ao vivo; o Café Soçaite passou a funcionar, com mudanças estruturais, onde ficava um açougue, e depois uma boate (Igrejinha). Ele também mencionou um teatro na Treze de Maio, depois transformado em dois bares: o Piu Piu e o Café Pedaco; a casa em que ele cresceu foi vendida e tornou-se o Café Aurora; um antigo cortiço foi reformado e deu lugar à Bella Pizza (MAGNANI, 1991, pp. 78-80). Nesse caso, ficam evidentes tanto as possíveis relações de moradores com a paisagem comercial posterior quanto a própria mudança de usos ao longo do tempo.

Segundo a entrevista já mencionada, o Café do Bexiga introduziu o “bar conversa”, intermediário entre boates, bares com música ao vivo e o tradicional “bar e lanches”, sem obrigatoriedade de consumação ou couvert, embora oferecesse um serviço de restaurante, o que tornaria o local mais acessível, por exemplo, para estudantes²⁶. Aos poucos, veio a se tornar um espaço de resistência política, de lançamento de livros (incluindo poesia independente), de conversas entre universitários fora do espaço acadêmico (ibidem, pp. 80-83).

Segundo um dos sócios do Café do Bexiga, surgiram depois os já citados Café Soçaite, Persona, Piu Piu e Café Aurora, dentre outros; a partir daí a Treze de Maio tornou-se, à noite, um *happening*, uma “festa” (ibidem, p. 84). Segundo o dono do boteco Carioca, muitos bares abriam suas janelas para a rua — a música “vazava” —, que adquiria bastante movimento, porém “ficavam os caras deitados na rua, bêbados de tanto tomar vinho”, o que passou a incomodar frequentadores mais identificados com a fase “intelectualizada” do bairro (ibidem, p. 85)²⁷.

De toda forma, para muitas/os frequentadoras/es, tais vivências múltiplas nas ruas constituíam efetivamente um atrativo. Um deles, morador do bairro e então frequentador noturno²⁸, ressaltava que ao mesmo tempo que sentia tal espaço público como uma extensão da casa, era também possível “conhecer outras pessoas, ou, de qualquer modo,

26 De fato, dentre os cafés, eu ia com mais frequência ao Café do Bexiga.

27 No ensaio fotográfico ao final (MAGNANI, 1991, n. p.), de autoria de Silvia Cardoso, uma foto (de uma sexta à noite, 3/5/1991) mostra pessoas sentadas no chão (“o lado ‘menos nobre’ da rua”), algo pouco apreciado, evidentemente, pelos donos dos bares. Muitos passaram a identificar, no local, certa “massificação” incômoda (ibidem, pp. 86-7).

28 Que relatou também ir, desde meados dos anos 1970, dentre outros, aos já citados Redondo, Bar das Putas e Planeta’s, bem como a bares que surgiam na Vila Madalena, identificados então como “intelectuais” (sobre práticas de lazer na Vila Madalena, ver Frúgoli Jr., 2017).

poder conversar com estranhos e fazer novas amizades” (MAGNANI, 1991, pp. 94-6).

OLHARES RECENTES NO BIXIGA E LUGARES DO PASSADO

Para fechar este texto, abordo novas experiências de caminhada no Bixiga, no ano passado (2022), bem mais pontuais em comparação às vivências já descritas, passados pouco mais de trinta anos da experiência vivida junto ao NAU e por volta de quatro décadas das minhas andanças de juventude.

Evidentemente, acumulei ao longo do tempo leituras e pesquisas que dialogam, com distintos graus de proximidade, com os relatos feitos até aqui. Não há como reconstituir o conjunto de tais referências no presente artigo, a não ser mencionar duas delas — de certa forma presentes, implicitamente, e não necessariamente de forma ortodoxa, nestes escritos. O primeiro deles, sobretudo a partir de agora, diz respeito ao conceito de observação flutuante (PÉTONNET, 2008 [1982]) que, inspirado na noção freudiana de atenção flutuante, implica em fazer caminhadas reiteradas, abertas ao inesperado, incluindo interações fortuitas, na identificação de pessoas e situações para possíveis aprofundamentos posteriores, voltadas a captar dimensões constitutivas da multiplicidade do urbano. Para tanto, a autora fez caminhadas ao longo de um curto período no cemitério parisiense de Père-Lachaise, em Belleville (Paris), para o relato de seus (des) encontros principalmente com frequentadoras/es regulares²⁹.

O segundo referencial, de algum modo transversal a este texto, remete, a partir de interações prolongadas com sujeitos de uma pesquisa etnográfica, à importância da atenção às narrativas de tais interlocutoras/es quanto a memórias de vivências pretéritas, não antagônicas, mas evocadas pelo presente, permeadas pela intersubjetividade, quando, então, tais agentes se tornam (estimulados pela/o etnógrafa/o) narradores (ECKERT; ROCHA, 2013). No presente caso, faço tal exercício comigo mesmo, a partir, como já visto, tanto de experiências vividas quanto de participação em pesquisas sobre a cidade. Isso propicia que o fenômeno urbano seja tomado como objeto temporal, com um trabalho da memória que se insere no que as autoras denominam etnografia da duração (ibidem).

Para isso, juntarei as observações de duas práticas próximas no tempo e quase idênticas no espaço. A primeira, uma caminhada dominical

²⁹ Para um dossiê a respeito, inspirado na autora e em caminhadas de alunas/os de uma disciplina de pós-graduação, ver Frúgoli Jr. e Talhari (2019).

durante uma Jornada do Patrimônio³⁰, intitulada “Pelos caminhos da memória”, na qual estive presente (em agosto de 2022). Na ocasião, como constava no convite, percorreríamos “pontos de memória do Bixiga”, para “dialogar com guardiões dos saberes locais”. Em dezembro, refiz parte de tal experiência de caminhada, com integrantes do Grupo de Estudos de Antropologia da Cidade (GEAC–USP), novamente num domingo.³¹

Se até aqui me aproximei do Bixiga a partir das vivências ou pesquisas relacionadas a boemia ou lazer, nas experiências do ano passado, tais áreas constituíram, por assim dizer, apenas o ponto de chegada. O início se deu na rua Rocha, num sobrado com mais de cem anos, onde funcionava o “Jantar na Rocha” (embora isso tenha ocorrido de dia). Na calçada em frente a tal casa, há uma quantidade notável de plantas em torno de uma árvore; isso tinha sido o resultado da ação de residentes do entorno, que a certa altura ampliaram a parte cultivável da via. Vemos aqui relações de vizinhança com desdobramentos num espaço público, algo que não ocorre necessariamente da mesma forma numa metrópole como São Paulo, mas que pode estar presente em bairros como o Bixiga, marcado por aspectos comunitários recorrentes.

Foi então possível adentrar uma casa significativamente decorada com uma profusão de objetos — quadros, fotos, vasos com arranjos florais, máscaras, bules, abajures, xícaras, relógios de parede, miniaturas etc. A cozinha exibia, nas paredes e em prateleiras, diversos apetrechos e ingredientes para o preparo das refeições — panelas, frigideiras, facas, tábuas, temperos etc. Ao fundo da casa, na parte externa, novamente muitas plantas, de menor porte — onde era possível observar a região da Bacia do Saracura, hoje totalmente urbanizada, cujos vestígios estão presentes, e que constitui uma frente de resistência de preservação ambiental local³².

Em agosto do ano passado, houve uma breve fala do chef do “Jantar na Rocha” (que existia desde 2013), sobre a história da casa (onde também residia) e sua própria trajetória. Ele se referiu a diversas festas e encontros promovidos há muito tempo em tal sobrado, o que de certa forma concorreu para que sua calçada especialmente arborizada ganhasse crescente destaque. Ao comentar a tradição festiva do lugar, outro morador dali citou uma fala de um antigo residente: “a casa não termina na porta”. Isso,

30 Promovida pelo Departamento do Patrimônio Histórico, ligado à Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, e coordenada por Luís Michel Françaço.

31 Também sob a condução de Luís Michel Françaço (embora aqui pretenda registrar apenas minhas impressões pessoais, sem estendê-las aos que compartilharam essa experiência).

32 Local onde existiu o Quilombo do Saracura, guardado na memória coletiva da comunidade negra, sobretudo do Bixiga (RODRIGUES, 2023, p. 66).

evidentemente, faz pensar num livro referencial, *Quando a rua vira casa* (VOGEL; MELLO, 2016 [1981]), sobre formas de sociabilidade do bairro carioca do Catumbi, que permite algumas pontes, sob as devidas mediações, com o Bixiga. Novamente a vida nas ruas — mediada por relações regulares de vizinhança — ganha importância.

Quase vizinha, na rua Rocha, fica a Livraria Simples, já visitada anos antes, no lançamento de um livro de um amigo antropólogo que é também sambista e ligado à Escola de Samba Vai-Vai (situada no bairro), o que ocasionou uma apresentação musical³³. Tal local se apresenta, em seu site, como uma livraria de bairro, com um interessante lema (da filosofia Ubuntu) — “Eu sou quem sou, porque somos todos nós”³⁴ — com a venda de livros novos e seminovos e uma feira de troca de livros (além de vendas pela Internet). Tal livraria funciona há poucos anos — com base num princípio já destacado quanto ao contexto da Treze de Maio — na antiga casa da avó de um dos sócios, além de também cultivar diversas relações de vizinhança.

Em caminhadas a partir da rua Rocha, aparecem marcas da especulação imobiliária em áreas de preservação ambiental, como num grande terreno inclinado, com árvores e matagais, que já havia sido destinado a uma futura construção. Ao chegarmos a um pequeno largo, onde termina a rua Rocha e começa a rua Dr. Seng, um edifício feito às pressas estava embargado, e perto dali, adentramos um pequeno beco, ladeado por pequenos prédios, com uma nascente ligada ao rio Saracura — o que remete, de modo geral, à forma como águas fluviais foram tratadas e ocultadas por quase toda São Paulo³⁵. Ocasionalmente, moradores saíam à janela, talvez para nos observar³⁶. Placas locais mencionam, abaixo do nome das ruas, tratar-se da “Bacia do rio Saracura”. Em diversos muros da rua Rocha onde ainda há vegetação, foi também possível ver indícios de águas de nascentes — que servem a vários usos, como, por exemplo, o de lavar carros.

Voltamos pela rua Rocha e caminhamos pela rua Almirante Marques Leão, com a vista de diversos cortiços e a observação, na calçada, de um encontro entre corintianos num local ligado à torcida organizada Gaviões da Fiel. Pegamos, depois, a rua Conselheiro Carrão e logo dobramos à esquerda, na rua Coração da Europa, sem saída, ao final da qual, acima de

33 Refiro-me a Luiz Henrique de Toledo, docente da UFSCar.

34 Disponível em: <https://www.livrariasimples.com.br/quem-somos/>. Acesso em: 10 abr. 2023.

35 Para um quadro conciso a respeito, ver Wagner (2019, pp. 64-5).

36 Foi-me inevitável lembrar prática recorrente dos olhares nas ruas, por parte de moradoras/es, como modo informal de configurar certa segurança (JACOBS, 2000 [1961], pp. 29-57).

um pequeno muro, foi possível ter uma vista privilegiada da rua Santo Antonio. Na Coração da Europa, a lateral de uma casa exibia um grafitti da Torcida Nação Alvinegra Vai-Vai.

De lá seguimos e passamos em frente ao Museu da Memória do Bixiga, na rua dos Ingleses, numa casa do início do século XX, tombada pelo Conselho Municipal de Conservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo (Conpresp). Na caminhada de agosto, fomos recebidos por um dos responsáveis pelo museu, que narrou as práticas políticas recentes em torno desse espaço, originalmente voltado à memória da imigração italiana, e hoje mais dedicado a uma pluralidade étnica de memórias locais.

Em dezembro, passamos em frente — ainda na rua dos Ingleses e ao lado da escadaria do Bixiga — do Teatro Ruth Escobar, fundado em 1964 pela atriz do mesmo nome (que viveu entre 1935 e 2017), com apoio da comunidade portuguesa, numa longa história de resistência à ditadura³⁷. Veio-me, então, uma nova lembrança da década de 1970, quando assisti ali a uma apresentação da peça *Trate-me Leão*, do grupo teatral carioca Asdrúbal trouxe o trombone, bastante expressivo na época.

Já na Treze de Maio, houve em agosto a oportunidade de ouvir a história da Igreja de Nossa Senhora da Achiropita — totalmente entrelaçada à história local e que não tenho como, no âmbito deste texto, reconstituir — pelo olhar da coordenadora da Pastoral Afro e liderança pelo movimento Saracura/Vai-Vai, com uma narrativa detalhada de como a população negra local participou e lutou por sua inserção em tal comunidade católica.

Tais experiências recentes certamente alargaram meu conhecimento sobre o Bixiga, quanto às múltiplas facetas e desafios consideráveis de um bairro tão fascinante. Os recortes de memórias e vivências relatados não se fecham, ao final, numa totalidade encaixada e coerente, mas penso que abrem para uma reflexão sobre dinâmicas com respeito a tal território. Décadas atrás, frente à diversidade constitutiva do bairro, José Guilherme Magnani se perguntava sobre qual desses Bexigas prevaleceria. Sua resposta: “Nenhum, ou melhor, todos” (MAGNANI, 1991, p. 75). Seria o diálogo conflitante entre eles que sustentaria a vitalidade e os ritmos do bairro — entre o Centro e a Paulista, o dia e a noite, o trabalho e o lazer, o profano e o sagrado, os frequentadores e os moradores.

Há também que se levar em conta que o efetivamente observado no contexto urbano, seja em caminhadas sem propósito ou durante observações sistemáticas, são as ruas, que podem estar ou não associadas a

³⁷ Ver detalhes em Pompermalder (6 out. 2017).

bairros. A fala da antropóloga Graça Cordeiro (2014, p. 457), estudiosa de Lisboa, resume o argumento: “Eu digo rua/bairro porque realmente o espaço de observação [é] a rua, ou um pequeno conjunto de ruas. Para além disso, já não se sabe observar muito bem (...) A rua acaba por ser um espaço natural de observação. O bairro é uma entidade mais complexa, algo muito elástico, que entra muito no domínio da representação, pode ser mais ou menos amplo, com múltiplas definições, algumas administrativas, outras não”.

De fato, bairros têm, em geral, fronteiras incertas e variáveis, mesmo que haja, muitas vezes, aquelas definidas pela municipalidade. Retomo uma pesquisa coletiva na Luz, em São Paulo (FRÚGOLI JR., 2012), quanto a suas fronteiras cambiantes com Santa Ifigênia, Campos Elíseos e Bom Retiro; às vezes, durante a investigação, muitos/as entrevistados/as também falavam estar no Centro ou então na “cracolândia”; às vezes, tal variação podia inclusive aparecer na fala do mesmo interlocutor.

Em agosto de 2022, ao final da referida Jornada do Patrimônio, fiz ainda uma caminhada final pela Treze de Maio, no início da tarde, na direção do já referido quarteirão entre as ruas Manoel Dutra e Santo Antonio, à busca de vestígios de um lugar cujas calçadas e bares me foram tão referenciais no passado. Anos atrás, ainda havia a placa do Café do Bexiga, mesmo que o bar não mais funcionasse. Mas quase nada disso permanece, com exceção da fachada do Café Piu Piu (hoje ainda em funcionamento). Aventei então almoçar, um pouco mais à frente, no já mencionado Montechiaro. Todavia o restaurante não existia mais, e soube, primeiro pelas cercanias, que o lugar não se manteve após o falecimento precoce de seu dono e chef, em meados de 2020.

Sabemos da passagem inexorável do tempo — como diz a letra de uma canção de Zeca Baleiro, “De onde quer que tudo venha/ tudo irá para onde nada nunca se alcança” (AMARGO, 2005) —, e não pude deixar de sentir certa melancolia, embora amainada por um pequeno consolo, ao perceber que, de fato, as vivências naquelas ruas já se foram, mas algo delas permanece na minha memória.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Hamilton. “O sonho acabou. Gil está sabendo de tudo”. *Bondinho*, São Paulo, n. 34, fev. 1972. Disponível em: <http://tropicalia.com.br/eubioticamente-atraidos/verbo-tropicalista/o-sonho-acabou>. Acesso em: 7 abr. 2023.
- ALMEIDA, Maria Hermínia T.; WEIS, Luiz. “Carro-zero e pau-de-arara: o cotidiano da oposição de classe média ao regime militar”. In SCHWARCZ, L. M. (org.). *História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, pp. 319-409.
- AMARGO. Intérprete: Zeca Baleiro. Compositor: Zeca Baleiro. In *Baladas do asfalto & outros blues* (Compact Disc). Rio de Janeiro: MZA, 2005. Faixa 12.
- CASTRO, Celso. “Entrevista com José Guilherme Cantor Magnani”. *Memória das Ciências Sociais no Brasil*. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC-FGV)/CNPq, 2018 (2017). Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/cientistassociais>. Acesso em: 6 jun. 2022.
- COELHO, Marcelo. *Cine Bijou*. Com ilustrações de Caco Galhardo. São Paulo: Cosac Naify/Sesc-SP, 2012.
- ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza C. *Etnografia da duração: antropologia das memórias coletivas em coleções etnográficas*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2013.
- FRÚGOLI JR., Heitor. *São Paulo: espaços públicos e interação social*. São Paulo: Marco Zero, 1995.
- _____. “Introdução” (Dossiê Luz, São Paulo). *Ponto Urbe*, São Paulo, n. 11, 2012, n.p. Disponível em: <https://journals.openedition.org/pontourbe/1129>. Acesso em: 6 abr. 2023.
- _____. “Relações entre múltiplas redes no Bairro Alto (Lisboa)”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 28, n. 82, pp. 17-30, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/wvpsBk9nJ7rgpMQxxT6sbxx/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 9 abr. 2023.
- _____. “The 2014 World Cup on the streets of Vila Madalena (S. Paulo)”. In SMAGACZ POZIEMKA, M. et. al. (ed.). *Moving Cities: Contested Views on Urban Life*. Wiesbaden: Springer VS, 2017, pp. 77-95.
- _____; ADERALDO, Guilherme; RODRIGUES, Weslei. “Antropologia urbana (em língua) portuguesa: entrevista com Graça Índias Cordeiro”. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 57, n. 2, pp. 449-84, 2014. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/89120>. Acesso em: 10 abr. 2023.
- _____; TALHARI, Julio. “Apresentação” (Dossiê Eventos e situações nas ruas de São Paulo). *Ponto Urbe*, São Paulo, n. 25, 2019, n.p. Disponível em: <https://journals.openedition.org/pontourbe/7308>. Acesso em: 10 abr. 2023.

- GUMIERI, Julia. “Bar Redondo” (verbete). *Memorial da Resistência de São Paulo*. São Paulo, s. d. Disponível em: <http://memorialdaresistenciasp.org.br/lugares/bar-redondo/>. Acesso em: 6 abr. 2023.
- _____. “Ferro’s Bar” (verbete). *Memorial da Resistência de São Paulo*. São Paulo, s. d. Disponível em: <https://memorialdaresistenciasp.org.br/lugares/ferros-bar/>. Acesso em: 7 abr. 2023.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2013 [1950].
- ISTOÉ. “História de lendário bar do Bixiga é lançada com um obscuro e raro LP”. São Paulo, 14 jun. 2021. Disponível em: <https://istoe.com.br/historia-de-lendario-bar-do-bixiga-e-lancada-com-um-obscuro-e-raro-lp/>. Acesso em: 7 abr. 2023.
- JACOBS, Jane. *Morte e vida de grandes cidades*. São Paulo: Martins Fontes, 2003 [1961].
- MACHADO, Giancarlo Marques C. *A cidade do skate: sobre os desafios da cidadinidade*. São Paulo: Hucitec, 2022 (Coleção Antropologia Hoje).
- MAGNANI, José Guilherme C. (org.). *Os pedaços da cidade*. Relatório de pesquisa. São Paulo: Núcleo de Antropologia Urbana (NAU-USP), jun. 1991.
- _____. “De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 17, n. 49, pp. 11-30, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/KKxt4zRfvVWbkbgsfQD7ytJ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 21 mar. 2023.
- _____. *Da periferia ao centro: trajetórias de pesquisa em Antropologia Urbana*. São Paulo: Terceiro Nome/Fapesp, 2012.
- _____; FRÚGOLI JR., Heitor; TORRES, Lilian de Lucca. “Pedaços & trajetos: formas de lazer e sociabilidade na metrópole”. Paper para o XIII Encontro Anual da ANPOCS, Caxambu, 1989. Disponível em: <https://www.anpocs.com/index.php/encontros/papers/13-encontro-anual-da-anpocs/gt-14/gt23-11>. Acesso em: 8 abr. 2023.
- MARTINS, Lúcia. “Bar de tropicalistas virou estacionamento”. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 3 dez. 1995. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/12/03/cotidiano/2.html>. Acesso em: 7 abr. 2023.
- MORAES, Reinaldo. “Obra narra causos e fofocas do Piranda”. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 8 dez. 2007. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0812200723.htm>. Acesso em: 7 abr. 2023.
- PÉTONNET, Colette. “Observação flutuante: o exemplo de um cemitério parisiense”. *Antropolítica*, Niterói, n. 25, 2. sem. 2008 [1982], pp. 99-111.
- PILAGALLO, Oscar. *O girassol que nos tinge: uma história das Diretas Já, o maior movimento popular do Brasil*. São Paulo: Fósforo, 2023.
- POMPERMALER, Paulo Henrique. “Ruth Escobar representou a resistência da cultura brasileira, diz Sérgio Mamberti”. *Cult*, São Paulo, 6 out. 2017, n. p. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/ruth-escobar-sergio-mamberti/>. Acesso em: 10 abr. 2023.

- RODRIGUES, Lígia Rocha. “Quilombo do Saracura”. In CYMBALISTA, R. (org.). *Guia dos lugares difíceis de São Paulo*. São Paulo: Annablume, 2019, p. 66.
- TAVARES, Abilio; CARDOSO, Irene (orgs. da 2. ed. ampl.). *Livro branco sobre os acontecimentos da rua Maria Antônia (2 e 3 de outubro de 1968)*. São Paulo: FFLCH-USP, 2018 [1988].
- VOGEL, Arno; MELLO, Marco Antonio S. *Quando a rua vira casa: a apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro*. Niterói: Eduff, 2016 [1981].
- WAGNER, Aruã. “Rios invisíveis”. In CYMBALISTA, R. (org.). *Guia dos lugares difíceis de São Paulo*. São Paulo: Annablume, 2019, pp. 64-5.